

Saudação a Marcelo Linhares^(*)

VLADIR MENEZES

Às vésperas de completar 108 anos de profícuo labor em prol da cultura cearense e, porque não dizer, pátrio, investe este Sodalício seu 117 membro efetivo, na vaga do inolvidável e estimado companheiro José Teixeira de Freitas, o Dr. Marcelo Caracas Linhares.

A tristeza da saudade do amigo que partiu para o desconhecido é compartilhada com a imensa alegria do recebimento em nosso convívio, de outro amigo não menos querido e admirado por todos que fazem vibrar esta Casa de Saber, numa síntese de contrários – tristeza x alegria – que se entrelaçam numa alternativa armada pela lógica formal, fazendo pulsar mais forte os nossos corações.

Do Presidente Geraldo Nobre, conhecedor da grande amizade e muitas afinidades que nos liga a Marcelo Linhares, recebemos a nobilitante incumbência para proferir a saudação de praxe ao novo consócio, figura das mais preeminentes nos meios intelectuais de nossa terra.

Num ímpeto de modéstia, como sóe acontecer, deveríamos declarar, peremptoriamente não merecermos a honra que nos é conferida. Lembrando Renan, em suas Reminiscência de Infância e Mocidade – “É difícilimo provar que se é modesto, pois, desde que se diz sê-lo, deixa-se de sê-lo” -, preferimos fugir ao dilema formal entre a altivez e a modéstia, que freqüentemente é o mecanismo sagaz da vaidade dissimulada. Entre honrado e temeroso, mas justificadamente envaidecido, procuraremos nos desincumbir da dignificante responsabilidade que nos foi confiada.

Nas tradições honrosas do passado recordamos Guilherme Studart (Barão de Studart), Paulino Nogueira, Antonio Bezerra, Joaquim Catunda, João Batista Perdigão de Oliveira, Júlio César da Fonseca Filho, Pe. João Augusto da Frota, Antonio Augusto de Vasconcelos, José Sombra (Sênior), Virgílio Brígido, Virgílio Augusto de Moraes e Juvenal Galeno, os doze sempre lembrados fundadores deste Instituto, vultos majestosos e imponentes pelo caráter, pela ilustração e pelo patriotismo, homens de pensamento que projetaram a sua diretriz maior de “promover o estudo da História, da Geografia e da Antropologia e o fomento das letras em geral”.

(*) Proferida em sessão solene realizada no Instituto do Ceará, em 5 de dezembro de 1994.

E a memória desses luminares e de seus seguidores tem se perpetuado no decurso da mais notável realização na área do saber que é a sua Revista anual, a maior fonte impressa da historiografia alencarina. Além dos números normais e especiais, este guardião de documentos valiosos vem publicando, ininterruptamente, desde o ano de sua fundação, nos idos de 1887, aos dias hodiernos, seu exemplar anual, em centenas de páginas cada, sobre a História, a Geografia, a Antropologia e outros temas afins locais e pátrios. Ressalte-se, mais, a mapoteca, com valiosos mapas e cartas, um arquivo com incontáveis manuscritos e consideráveis monografias, ricamente documentadas, fontes incontestáveis para a reconstrução de nosso passado. Todo esse acervo, saliente-se, é franqueado aos estudiosos.

Arthur Schopenhauer, crítico dos filósofos racionalistas que construíram sistemas de pensamento, em sua monumental obra *O Mundo como Vontade e Representação*, defende o conhecimento racional da História, sustentando que "Somente a História pode dar a um povo a inteira consciência de si próprio".

Voltaire, criador da primeira Filosofia da História, defendia a idéia de que unicamente os filósofos deveriam escrever a História. Afirmava ele que "Em todas as nações a história é desfigurada pela fábula, até que a filosofia venha esclarecer o homem; e quando ela chega, afinal, no meio desta escuridão, encontra o espírito humano tão cego por séculos de erros que mal pode libertá-lo; encontra montanhas de cerimônias, fatos e monumentos para provarem mentiras". "A história", prossegue, "não é afinal de contas outra coisa senão uma série de partidas que pregamos aos mortos". Metamorfoseamos o passado para amoldá-lo de conformidade com os nossos anseios de porvir e, em última análise, concluímos com o notável filósofo francês que a história prova que tudo pode ser provado com a história".

Benedetto Croce, crítico e político italiano que exerceu profunda influência sobre o pensamento liberal de seu país, exalta Giambattista Vico, historiador e filósofo compatriota, sustentando antiga idéia italiana, já defendida por Voltaire, de que a História deve ser escrita por filósofos. Avalia Croce que a veneração exagerada de uma História perfeita conduz a uma erudição microscópica deixando escapar ao simples historiador a verdadeira percepção dos fatos. Ao conceber uma história escrita por filósofos e uma filosofia escrita por historiadores, Croce pregava uma combinação da história com a filosofia.

Está claro que o estudo da História transcende as limitações de uma área do saber para atuar em outros campos, devendo, assim,

ser vista sob os seus diversos enfoques interpretativos, seja do historiador, seja do filósofo, no entendimento de que os eventos ou os fatos não se explicam por si mesmos. A compreensão de seu enquadramento se faz interpretando-os numa estrutura mais ampla do conhecimento.

É com esta preocupação que o Instituto do Ceará deverá buscar, sem solução de continuidade, a renovação de seus valores, objetivando sempre, a manutenção do alto nível moral e intelectual que o tem credenciado um centro de estudos de alto nível.

A 17 de outubro de 1975, em imponente reunião efetivada neste Sodalício, o Senador Virgílio Távora saudou, em brilhante oração, quatro novos recipiendários: Hélio de Souza Melo, Fernando Saraiva Câmara, Francisco de Assis Arruda Furtado e José Teixeira de Freitas, lembrando "o encontro com o passado nesta veneranda Casa onde a tradição que é a sombra dos mortos, entretém o diálogo infundável entre as gerações que se sucedem na cadeia eterna da Vida".

Treze anos passados desse evento, Virgílio Távora é sucedido por Vladir Menezes e, próximo de completar duas décadas, José Teixeira de Freitas é seguido por Marcelo Linhares, num acontecimento fortuito que, sentimentalmente, reaproxima os ocupantes das Cadeiras números 16 e 34: em tempos antanhos Virgílio Távora recebia José Teixeira de Freitas; hoje na Cadeira 16, Vladir Menezes saúda Marcelo Linhares, novo titular da Cadeira 34, anteriormente de José Sobreira de Amorim, o Amorim Sobreira como gostava de ser chamado, vindo, depois, José Teixeira de Freitas. De ambos, mestres insignes, temos gratas lembranças de sadia convivência como discípulo deste na Escola Preparatória de Fortaleza e daquele na Faculdade de Direito, numa aproximação mais estreita e demorada.

Ligamo-nos a Marcelo Linhares por fortes afinidades afetivas e sociedades profissionais e entidades associativas. Ao longo de nossas vidas nossos caminhos tem, freqüentemente, se encontrado: na Mui Respeitável Grande Loja do Ceará, onde à sombra da Acácia partilhamos dos ensinamentos dos Graus Simbólicos e Filosóficos; companheiros nos ideais disseminados pela Escola Superior de Guerra; ambos egressos da Faculdade de Direito e, finalmente, nesta Casa, voltados para o estudo da História, Acreditamos, assim, seja este o nosso maior credenciamento para participar, ativamente, da vitória de Marcelo Linhares e, dando-lhe as boas vindas, dizer de seus méritos, atestando o seu alto valor moral e intelectual.

Marcelo Caracas Linhares é cearense de Fortaleza, nascido a 15 de março de 1924. Filho de Vicente Alves Linhares e de Edith de

Caracas Linhares. Seu pai era o caçula entre nove irmãos, um dos quais, o segundo, Francisco Linhares, encontrou em Marcelo, nascido três meses após a morte de seu único filho varão de doze anos, o carinho filial, criando-o como legítimo filho. Essa circunstância acabaria por permitir que Marcelo permanecesse em Fortaleza, na companhia dos tios queridos, enquanto seus pais e irmãos passariam a residir no Rio de Janeiro.

Em 1934 Marcelo era matriculado no Colégio Cearense, nele fazendo os Cursos Primário e Ginásial. Concluído o secundário, transferiu-se para o Colégio São João, onde cursou o Clássico.

Do notável Currículo de Marcelo Linhares colhemos que tem Cursos Superiores de:

Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará, em 1953 e Administração de Empresas pela Escola de Administração da Universidade Estadual do Ceará, em 1967.

A esses valiosos títulos universitários, acrescente-se, é diplomado pela Escola Superior de Guerra, Curso Superior de Guerra, em 1973.

Foi Deputado Federal pelo Estado do Ceará, por quatro sucessivos mandatos, no período de 1971 a 1987.

Ao longo de sua vida desenvolveu profícuas atividades, entre as quais ressaltamos:

Escriturário do Banco do Brasil, de 1945 a 1955.

Advogado do Banco do Brasil, de 1955 a 1974.

Secretário de Planejamento e Coordenação Geral do Estado do Ceará, de 1967 a 1970.

Representante do Estado do Ceará junto ao Conselho Deliberativo da SUDENE, de 1967 a 1970.

Diretor da Companhia de Desenvolvimento Agropecuário do Ceará - CODAGRO -, em 1967.

Membro Efetivo da Comissão de Relações Exteriores da Câmara dos Deputados, de 1971 a 1984.

Vice-Presidente da Comissão de Relações Exteriores da Câmara dos Deputados, em 1974.

Vice-Presidente, em 1985 e Presidente, em 1986, da Comissão de Redação da Câmara dos Deputados.

Presidente da Associação Interparlamentar de Turismo – Grupo Brasileiro, de 1983 a 1987.

Assessor dos Ministros da Educação, em 1988, da Justiça, em 1989 e da Presidência da Câmara dos Deputados, de 1989 1993.

Participou, também de importantes missões ao Exterior:

Viagem de estudos e observação aos Estados Unidos da América e Porto Rico, em 1961, a convite do Departamento de Estado dos EUA .

Membro da Comissão da Câmara dos Deputados à 63ª Conferência da União Interparlamentar, em Roma, em 1972.

Viagem de Estudos patrocinada pela Escola Superior de Guerra aos países da África Sub-Saariana, em 1973.

Membro da Comissão da Câmara dos Deputados à 63ª Conferência da União Interparlamentar, em Londres, em 1975.

Membro da Comissão da Câmara dos Deputados à Conferência da Organização Mundial de Turismo, vinculado à ONU, em Málaga, na Espanha, em 1977 e 1979.

Vice-Presidente da Comissão da Câmara dos Deputados à Assembléia da Organização Mundial de Turismo, vinculada à ONU, em Manilha, Filipinas, em 1980.

Presidente do Grupo brasileiro de parlamentares às Conferência e Assembléia da Organização Mundial de Turismo, respectivamente, em Nova Dheli (1983), Budapeste (1984), Sófia (1985) e Lisboa (1986).

Foi, ainda, agraciado com as condecorações de:

Grande Oficial da Ordem do Rio Branco, em 1973.

Grande Oficial da Ordem do Congresso Nacional, em 1978.

Grande Oficial da Ordem do Mérito Naval, em 1980.

Grande Oficial da Ordem do Ipiranga, concedida pelo Governo do Estado de São Paulo, em 1981.

Grande Oficial da Ordem do Mérito Militar, em 1982.

Grande Oficial da Ordem do Mérito Judiciário, conferida pelo Tribunal Superior do Trabalho, em 1983.

Medalha do Mérito O'Higgins, concedida pela República do Chile, em 1984.

Ordem do Mérito do Serviço Diplomático – Medalha Kwang Wha – 1ª Classe – da República da Coreia do Sul, em 1985.

Grande Oficial da Ordem do Mérito Educativo, concedida pelo Ministério da Educação, em 1988.

Grã-Cruz da Ordem de Tocantins, concedida pelo Governo do Estado de Tocantins, em 1991

Entre seus inúmeros trabalhos, sobressaem-se as palestras:

IRRIGAÇÃO: UM PROBLEMA BRASILEIRO, em 4 de junho de 1971.

PARTIDOS E REALIDADE POLÍTICA, em 17 de junho de 1974.

BANCO DO NORDESTE DO BRASIL E DESENVOLVIMENTO REGIONAL, em 28 de abril de 1975.

UMA ESTRATÉGIA DE COMBATE ÀS SECAS DO NORDESTE, em 21 de março de 1977.

DEMOCRACIA SEM ÓDIO, em 22 de agosto de 1977.

ORDEM, PROGRESSO E LIBERDADE, em 25 de agosto de 1977.

OS PARTIDOS POLÍTICOS E A CONJUNTURA NACIONAL, no X Ciclo de Estudos da ADESG/Ceará, em 31 de agosto de 1981.

Marcelo Linhares é autor de reconhecidos méritos em vários campos do saber destacando-se, em particular, na História. Entre suas obras salientamos:

DE MOMBACA À MOMBASA – Relato de viagem à África Sub-Saária, realizada com a Escola Superior de Guerra, em 1973, em que traça, em percuciente análise, um paralelo entre o Brasil e a África, dizendo das perspectivas da geopolítica brasileira, suas novas dimensões políticas e das possibilidades nacionais em face do mercado africano, destacando, na 2ª parte, a viagem efetivada ao Senegal, país africano que melhor conhece o Brasil, Ghana, Nigéria, Zaire e Quênia, dizendo-nos da terra, povo, história política e econômica e da produção e finanças e do comércio exterior daquelas nações africanas.

Ao justificar o título Marcelo Linhares nos revela a adoção da primeira Mombaca como seu berço político, ao adentrar na vida pública, por iniciativa de um ilustre filho daquele Município cearense, coincidentemente um membro atuante desta Casa, o saudoso Plácido Aderaldo Castelo, e a segunda Mombasa, uma das maiores cidades do Quênia, ponto final de sua viagem de estudos ao continente africano.

Em *O GOVERNO LINHARES: TRANSIÇÃO PARA A DEMOCRACIA*, editado em 1992, Marcelo Linhares destaca a atuação política de Getúlio Vargas e a pressão das Forças Armadas, culminando na renúncia do Presidente. Em linguagem clara e escorreita, expõe, com riqueza de detalhes, a atuação do Ministro do Supremo Tribunal Federal José Linhares, que entrou na história como o primeiro cearense a exercer a Presidência da República, no conturbado período de 30 de outubro de 1945 a 31 de janeiro de 1946. Retrata o magistrado apegado ao cumprimento da Lei, orientado pelo espírito democrático e inteiramente voltado para o interesse público, “alheio às injunções de natureza política”, sempre pugnando pela liberdade e segurança, dentro da ordem e do maior respeito as leis vigentes, garantindo, assim, a reintegração de sua Pátria à estabilidade democrática até então interrompida.

Estudioso da História da Maçonaria, pelo temperamento maçônico que o levou às mais altas honrarias da hierarquia em sua Grande Loja e no Supremo Conselho, Marcelo Linhares faz dos motivos maçônicos abordagens criteriosas e de grande valia.

Em *MAÇONARIA E A QUESTÃO RELIGIOSA DO SEGUNDO IMPÉRIO (APONTAMENTOS)*, editada em 1988, Marcelo Linhares nos apresenta em cinco capítulos, os fatos que levariam à insidiosa questão religiosa, o padroado no Brasil, a atuação da Igreja Católica no Brasil de antanho, uma síntese da História da Maçonaria e o confronto entre a Igreja católica e a Maçonaria que, na verdade, nunca foi uma questão da Maçonaria. Essa série de desentendimentos entre a Igreja e o Estado, durante o segundo reinado, teve como causa imediata a intransigência, o fanatismo e a intolerância de D. Vital Maria Gonçalves de Oliveira e D. Macedo Costa, respectivamente, bispos de Pernambuco e Pará. O espírito da época levou os papas, partindo de Clemente XII, com a bula “*In Eminentissimis*”, proclamada em 1738, a uma série de encíclicas todas investindo desabridamente contra a Ordem maçônica. Desnecessário rememorar fatos já sepultados na poeira dos tempos. Na oportunidade, lembramos apenas, homens da estatura moral e espiritual do bondoso camponês Angelo Giuseppe Roncalli, o inolvidável Papa João XXIII, que patenteando seu espírito verdadeiramente fraterno, teve a coragem de revolucionar a Igreja católica, promovendo a cooperação com outras religiões e instituições para enfrentar os problemas mundiais. Michael Baigent, Richard Leigh e Henry Lincoln, em *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, escrupulosa obra produto de mais de uma década de pesquisa, esclarecem: “O papa João XXIII foi também responsável por outras mudanças. Revisou a posição da Igreja sobre a Maçonaria, por exemplo,

quebrando pelo menos dois séculos de enraizada tradição e afirmando que um católico podia ser maçom”.

Em seu último livro *HISTÓRIA DA MAÇONARIA*, Marcelo Linhares examina a história da Maçonaria, em suas partes primitiva, operativa e especulativa, analisando cada uma delas, de forma concisa mas sem perda da substância, concluindo por nos dar uma visão da atuação da secular Instituição maçônica no Brasil. Efetivamente, a Maçonaria tem por objetivo essencial sua ação Moral e, portanto, evolucionista, não adotando nem recusando nenhuma religião, mas aceitando-as todas. Reconhecendo Deus, sob a designação de Grande Arquiteto do Universo, admite a seus adeptos a mais ampla liberdade de culto. Não se arvorando em dono da verdade, já no século XVIII, firmava como princípio fundamental que “nenhum homem ou nenhuma corporação tem o direito de declarar a obrigatoriedade para outrem da sua interpretação da verdade”. Livre de dogmas que antolham a razão, tem buscado incessantemente, seu próprio conhecimento do absoluto.

Octaviano Bastos, Optato Carajurú e Everardo Dias, no Livro *Maçônico do Centenário*, sintetizam: A Maçonaria não é uma seita, porque não tem dogmas nem política, nem dogma religioso, nem dogma social. Em política, sua doutrina é a liberdade completa; em religião, a do pensamento livre podendo evoluir como pássaro no ar; em moral, a do amor que se deve manifestar também com toda a liberdade. E essas doutrinas, que não são na realidade mais do que manifestações superiores do pensamento humano evoluído, ela se contenta com ensiná-las a todos sem querer impô-las a ninguém.

De seu considerável currículo maçônico, destacamos que Marcelo Linhares é:

Membro da Academia Maçônica de Letras do Distrito Federal, ocupante da Cadeira nº 7.

É, outrossim, detentor de condecorações valiosas, tais como:

Medalha do Mérito Maçônico, outorgada pela Mui Respeitável Grande Loja de Minas Gerais, em 1977.

Medalha de Honra ao Mérito Maçônico, conferida pela Mui Respeitável Grande Loja do Ceará.

Medalha do Grau 33, concedida pelo Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês antigo e aceito para a República Federativa do Brasil, em 1978.

Em conferência ORDEM, PROGRESSO E LIBERDADE, proferida em sessão solene da Câmara dos Deputados, realizada em 20 de setembro de 1976, por ocasião das homenagens que aquela Câmara Federal prestou ao celebrado militar e estadista brasileiro, o grande pacificador Duque de Caxias, patrono do Exército brasileiro, Marcelo Linhares, com mestria sintetizou o trinômio que se interrelaciona na consolidação de nossas aspirações de Segurança, Desenvolvimento e Liberdade. Considerando "Segurança e Desenvolvimento igual a Ordem e Progresso", ressaltou a importância do trabalho em Segurança para a consolidação da Liberdade, concluindo que o império da Justiça Federal, que sintetiza Segurança e Desenvolvimento culmina com a plenitude de Liberdade". Aplaudido, calorosamente, pelo plenário, recebeu os mais efusivos encômios do então Ministro do Exército, o ínclito General de Exército Sylvio Frota. Era o reconhecimento ao valor e às idéias de um patriota, com uma profunda visão social dos fatos que fez da liberdade, liberdade condicionada à responsabilidade, o enfoque central de suas preocupações que podemos traduzir na lapidar sentença proferida por Wendell Phillips, em 1852: "Eternal vigilance is the price of liberty" (o preço da liberdade é a eterna vigilância).

Apresentamos o vasto e invejável Currículo de Marcelo Linhares. Ao fazê-lo, atestamos a certeza de que este Instituto do Ceará fez justiça ao receber em seu convívio este novo companheiro, um gentleman de invejável cultura, historiador celebrado, escritor escorreito, prosador, parlamentar experiente de brilhante atuação, conferencista aliciante, digno das tradições da Casa do Barão.

Meu Irmão Marcelo Linhares,

Estamos agora mais unidos, congregados no mesmo ideal constante de prosseguir no itinerário laborioso e nobre que nos guiou a esta Casa, ideal de trabalho e de estudos.

Recebi, juntamente com sua diletta consorte Irismar Machado Linhares, companheira inseparável de quase cinco décadas de feliz união, o testemunho de nossa afeição e amizade.

Sede bem-vindo a este Instituto do Ceará, sentinela avançada no campo do Saber, a Casa da História cearense que já era vossa pelo amor que a ela dedicáveis.